



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIANA SOUZA STEFANI

**A RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O CONFLITO INTERNO  
NORTE-IRLANDÊS “THE TROUBLES” (1968-1998)**

São Paulo

2022

MARIANA SOUZA STEFANI

**A RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O CONFLITO INTERNO  
NORTE-IRLANDÊS “THE TROUBLES” (1968-1998)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Rodrigues Mateo

São Paulo

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente toda minha família por sempre me apoiarem: aos meus avós, Arthur Soares Souza Jr e Lucília Soares Souza, aos meus pais, Luciana Marin, Marcelo Marin, Cláudio Stefani Jr e Tatiane Iembo, e, aos meus irmãos, Raphaello, Maria Victoria, Pedro, Júlia e João Marcello. O apoio de vocês foi fundamental para que eu pudesse chegar aonde estou hoje, obrigada por estarem do meu lado a todo momento.

Agradeço também todos os meus amigos da Pontifícia e minha namorada, que foram minha segunda família em São Paulo. Obrigada pelas risadas e pelo companheirismo, foi um prazer enorme dividir essa experiência com vocês.

A todos meus professores, que foram essenciais para que eu pudesse me desenvolver como aluna e como pessoa.

## RESUMO

O estudo da religião nas Relações Internacionais, e nas Ciências Sociais como um todo, carregou consigo uma tendência de ter apenas um papel subalterno – quando existente - para a maioria das pesquisas da área, devido à influência de teorias que foram, por muitos anos, levadas como parâmetros a serem seguidos, como a teoria da secularização. Porém, em anos mais recentes, houve um movimento para a inclusão da esfera religiosa como um campo importante para os estudos da sociedade e do sistema internacional. Assim, nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar o conflito interno norte-irlandês, conhecido como “*The Troubles*” (1968-1998), para entendermos como este pode ser utilizado para explorarmos a relevância do campo religioso nas RI, e qual foi o seu papel durante esse período.

Aqui, passamos por bibliografias que tratam da pesquisa da religião dentro das Relações Internacionais, seguida por uma apresentação do contexto histórico do conflito. Como resultado, tem-se uma análise do papel da religião, que considera ambas as referências, além de estudos específicos sobre o papel da religião nos *Troubles*.

**Palavras-chave:** Religião. Religião nas Relações Internacionais. Relações Internacionais. The Troubles. Irlanda do Norte.

## **ABSTRACT**

The study of religion in International Relations, and in the Social Sciences as a whole, carried out a trend of having a secondary role for most of the area's research, due to the influence of theories which were, for many years, considered a parameter, as was the case of the secularization theory. However, in recent years, there has been a movement for the inclusion of religion as an important field for the studies of society and the international system. In this context, the objective of this paper is to analyse the internal northern-Ireland conflict, known as "The Troubles" (1968 – 1998), and to use it as a mean to explore the relevance of this field, and its role during this period.

Therefore, we will pass through bibliography which consider the research of religion within International Relations, followed by a presentation of the conflict's historical context. As a result, we will have an analysis of religion's role considering both these references, as well as specific studies about the role of religion during The Troubles.

**Key words:** Religion. Religion in International Relations. International Relations. The Troubles. Northern Ireland.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Porcentagem de conflitos étnicos em que ocorreram intervenções, controlados por diferenças religiosas entre os grupos.....	14
Quadro 2 - Porcentagem de conflitos étnicos em que ocorreram intervenções, controlados pela religião dos grupos minoritários.....	14
Figura 1 - Selo comemorativo de 50 anos do encontro entre O'Neill (esquerda) e Lemass (direita) lançado em 2015 pelo Correio irlandês.....	21
Figura 2 - Gráfico ilustrando o número total de mortes causadas pelos Troubles de 1969-1999.....	24

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O ESTUDO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	10
2.1 A inserção da religião nos debates de Relações Internacionais.....	10
2.2 Explorando a religião nas Relações Internacionais.....	12
3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PERÍODO ‘THE TROUBLES’ (1969-1998).....	18
3.1 As raízes do conflito.....	18
3.2 O início do conflito .....	20
3.3 A longa duração do conflito e o seu processo de paz.....	22
4. O PAPEL DA RELIGIÃO NOS “TROUBLES” .....	26
4.1 As diferentes interpretações do papel da religião nos “Troubles” .....	26
4.2 Relacionando as interpretações do âmbito religioso nos “Troubles” com os estudos de religião das Relações Internacionais.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	35

## 1. INTRODUÇÃO

O campo de estudo da religião nas Ciências Sociais e, por sua vez, nas Relações Internacionais, foi, muitas vezes, ofuscado. Por muitos anos, a maioria dos pesquisadores que atuavam nestas áreas deram um papel subalterno, se não inexistente, à questão religiosa - isto foi considerado um padrão desde a inserção e parametrização de teorias que focavam na exaltação da racionalidade como meio principal para se explorar temas sociais.

Tratando do caso específico das Relações Internacionais, podemos notar que este tema passou a ganhar mais notoriedade após os acontecimentos do 11 de Setembro, que fizeram com que diversos estudiosos tivessem uma maior inclinação para estudar o impacto da religião no sistema internacional como um todo.

Sendo assim, neste trabalho, teremos como objetivo a apresentação da discussão da questão religiosa nas Relações Internacionais, através de um estudo de caso sobre o conflito interno na Irlanda do Norte, conhecido como “*Troubles*”, que se estendeu por praticamente três décadas, durante os anos de 1968 até 1998.

A Irlanda do Norte, em sua configuração social, sempre contou com uma forte divisão étnica-religiosa entre protestantes e católicos, desde sua colonização até os dias atuais. Em 1922, ano em que a região passou a atuar com um governo independente ao do Reino Unido, tinha-se um cenário onde dois terços de sua população (na época equivalente a quase um milhão de pessoas) se identificava com o protestantismo, enquanto um terço (aproximadamente meio milhão de pessoas) se considerava católico (WALLENFELDT, 2020). Eventualmente, esta divisão passou a gerar algumas tensões entre estas duas partes da população, que foram agravadas pela desigualdade social e econômica ali existentes, assim como outras diferenças culturais.

Durante os “*Troubles*” (e anterior ao seu início), estes dois blocos tinham também dois interesses principais conflitantes: enquanto a maioria protestante tinha como desejo a permanência da província como parte do Reino Unido, a minoria católica tinha como objetivo a junção do território como parte da República da Irlanda. Neste contexto, outros atores, como o Exército Britânico, surgiram com o propósito de manutenção da paz, especialmente contra o IRA, que fora responsável por boa parte da luta do conflito pelos interesses da população católica (WALLENFELDT, 2020).

Dessa maneira, podemos argumentar que, certamente, a religião possui um papel importante na estrutura da sociedade irlandesa. Porém, existe uma discussão muito mais complexa e extensa ao nos debruçarmos sob a compreensão de qual foi o papel da religião durante o conflito introduzido, já que esta questão pode ser interpretada diferentemente em vários quesitos – justamente por este motivo pretende-se traçar uma lógica que explique detalhadamente as visões divergentes por trás desta questão.

Para isso, nos próximos capítulos, iremos tratar de uma revisão sobre diversos textos que exploram a temática religiosa nas Relações Internacionais, passando também por uma contextualização histórica do período abordado, uma revisão dos textos que discorrem sobre o papel da religião no conflito para chegarmos em uma relação final entre todos os tópicos apresentados.

## **2. O ESTUDO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

É possível destacar o nível de complexidade do período dos “*Troubles*”, que passa por teias da esfera social, cultural e religiosa, até as esferas políticas e econômicas, que acabam por culminar no conflito interno, como explicaremos, historicamente, no próximo capítulo.

Assim, pode-se inferir que, por se ter todos estes fatores entrelaçados durante o período, para fins de aprofundamento no tema, surge a estratégia da separação de cada um destes para o entendimento do todo.

Neste caso, dado o intuito deste trabalho, tendo como foco a exploração da religião e seus impactos no período estudado, iremos usá-la como ponto central para a discussão do tema abordado.

### **2. 1 A inserção da religião nos debates de Relações Internacionais**

O estudo da religião como uma variável de Relações Internacionais teve muitas dificuldades para ser inserido como um tópico de relevância dentro da academia. De acordo com Jonathan Fox e Shmuel Sandler, em seu livro “*Bringing International Relations into IR*”, isso se deu por uma série de motivos, que vão desde as origens das ciências sociais até a evolução das teorias de RI.

Assim, é colocado que a marginalização da religião é enraizada em diversas tendências que podem ser interligadas. Primeiro, as Ciências Sociais têm em suas origens na rejeição do campo religioso como um possível meio de justificativa para a compreensão do mundo pela maioria dos estudiosos do ocidente, fazendo com que as Relações Internacionais já surgissem carregando consigo esta visão.

Aqui, é estabelecido uma forte premissa de que fatores como etnicidade e religião não tinham um lugar na sociedade moderna e não poderiam ser meios racionais para o estudo do funcionamento do mundo. Muitos pensadores importantes dos séculos XVIII até o começo do século XX, que foram influenciados pela evolução das Sociais, tinham em comum a crença de que a “era do esclarecimento” iria substituir a religião como a base para a compreensão do mundo. E, ainda, com a chegada da modernidade industrial, meios mais racionais, científicos e legalistas era precisos para traçar estudos concretos da sociedade.

Destaca-se, dentro deste contexto, a Teoria da Secularização, que foca exclusivamente no ofuscamento da religião, e foi levada como um paradigma até o início da década de 1990:

*“Religion is no longer needed to legitimize the state because the state is legitimized through the ‘will of the people’” (FOX & SANDLER, 2004).*

Adiante, é argumentado que as Relações Internacionais por si só é talvez uma das Ciências mais centradas para o Oeste, o que faz com os fatores descritos acima sejam também levados como pressupostos para seus estudos - a suposição de que a religião não é importante para a política é tida como verdade para, justamente, o Oeste global. Cidadãos desta parte global são socializados desde a infância para verem o liberalismo clássico como uma parte intrínseca à organização da vida pública, que tem como uma de suas ideias principais a separação da igreja e do Estado. Trata-se, então, de uma tendência de se menosprezar a religião para o entendimento da política - estudiosos do Oeste, que estudam o Oeste, retiram o fator religioso de suas pesquisas.

Além disso, ao se falar das teorias de RI, os autores defendem que, estas são influenciadas fortemente pelo comportamentalismo<sup>1</sup> e pelo uso de metodologia quantitativa<sup>2</sup>. No geral, as grandes vertentes teóricas das Relações Internacionais são todas baseadas em presunções que excluem a religião - o realismo<sup>3</sup>, por exemplo, foca na busca pelo poder como a força motriz para as relações entre Estados, e essa abordagem “pragmática” acaba por desfavorecer fatores não tangíveis, como a religião, para favorecer fortemente elementos mais concretos como território, população, poderio econômico e força militar. Ainda, ignorando a política doméstica, onde, com frequência, pode-se explorar mais nitidamente a influência da religião.

Por fim, os autores concluem que, o papel da religião nas Ciências Sociais em geral, e nos estudos das Relações Internacionais, se dissolvem em um paradoxo: enquanto a religião é um elemento essencial de suas origens, estas a rejeitaram pela maior parte de suas histórias. Porém, é importante notar que, mesmo assim, ainda é possível encontrar o fator religioso como parte da base destas teorias - por exemplo, é argumentado que várias formas de nacionalismo têm suas raízes em diversas identidades religiosas (SMITH, 1999). E isto ocorre com vários outros fatores que são abordados pelas teorias de Sociais e de RI. Ademais, Fox e Sandler,

---

<sup>1</sup> A Escola Comportamentalista (1950-1960) expandiu a agenda da análise política, sugerindo o papel da personalidade nos processos de decisão do sistema internacional (FOX & SANDLER, 2005).

<sup>2</sup> A metodologia quantitativa trata-se do uso de medidas standardizadas e técnicas estatísticas para explicar as dinâmicas do fenômeno que está sendo estudado (FOX & SANDLER, 2005).

<sup>3</sup> A Escola Realista abrange uma teorização das RI, que foi estabelecida depois da Segunda Guerra Mundial, que foi tida como paradigma para seu estudo. Tendo como foco a posição do Estado como ator central: “A Nação, em contraste, era vista como um atributo de poder, assim como elementos de moral nacional e caráter nacional” (MORGENTHAU, 1956:97-105, 122-132).

também trazem o 11 de Setembro como um evento importante que fez com que as RI tivessem que considerar mais frequentemente o campo religioso em seus estudos, por envolver Estados que não se encaixam com o padrão do Oeste, e que tem a religião como fator de relevância tanto na sociedade, quanto em suas formas de governo e política.

## 2.2 Explorando a religião nas Relações Internacionais

Como explicado anteriormente, o estudo da religião nas Relações Internacionais é explorado com mais frequência em anos mais recentes.

Primeiro, é possível introduzir este tópico através do artigo de Robert Wuthnow - professor de Sociologia e Diretor do *Center for the Study of American Religion* da Universidade de Princeton - "*Understanding Religion and Politics*", escrito em 2016. O autor começa a discussão afirmando que em várias partes do mundo o relacionamento entre instituições religiosas e os poderes políticos passaram por mudanças dramáticas.

E, foram justamente estes desenvolvimentos que desafiaram *policy makers* e líderes religiosos a serem mais atentos para os interesses das instituições religiosas, o que, por vez, também desafiou a própria academia a repensar no conceito que temos de religião dentro da política. O autor passa por várias das problemáticas das teorias que vimos no subcapítulo anterior, reforçando os argumentos de Fox e Sandler, e explicando como a retirada da religião pode ser extremamente prejudicial para o entendimento do mundo político dos dias atuais:

We do not understand when a Muslim leader calls the United States "the infidel." Nor do we understand when a television preacher in our own society weeps publicly begging God for forgiveness. We do not understand because our theories provide no basis from which to understand. They expect rationality and produce cynical interpretations based on assumptions about self-interest. They stress cause and effect but leave no room for meaning and significance (WUTHNOW, 2016, p.11).

Dito isso, o autor aponta para o surgimento de novas teorias que levam a religião em consideração, e diz que este movimento tem de entender a "reestruturação religiosa", que é o foco no reconhecimento de mudanças sociais e de papéis políticos que comunidades religiosas estão abordando na contemporaneidade. Ao tocar em problemáticas que afetam suas sociedades, essas comunidades são forçadas a adaptar-se à modernidade, ao mesmo tempo em que elas tentam permanecer-se fiéis às suas origens (WUTHNOW, 2016). Ao mesmo tempo, de acordo com Wuthnow, elas também têm sucesso em fazer com que essas mudanças se perdem em outras instituições:

Even though religious leaders themselves may not be at the forefront of international trade or diplomatic negotiations, religious traditions are likely to be a significant part of what separates or joins two societies' cultural orientations. Religious groups can facilitate or undermine the legitimacy of alliances, and any such alliances may spell victory, defeat, or at least minor alterations in the life chances of population segments whose identities are defined by religious commitments (WUTHNOW, 2016, p.17).

Assim, o autor encerra dizendo que, em um cenário de mudanças sociais domésticas, é provável que a “reestruturação religiosa” tome seu lugar, podendo, inclusive reverberar para dimensões internacionais. Esta última colocação do autor pode ser explorada com mais profundidade através dos estudos de Fox e Sandler (2004), no capítulo quatro de seu livro, - *“Bringing Religion into International Relations” -* *Local Religious Conflicts are International Issues*”.

Fox e Sandler iniciam o debate afirmando que, conflitos domésticos, incluindo conflitos religiosos, estão se tornando cada vez mais questões internacionais. Isso pode ocorrer por diversos motivos: o potencial destes conflitos de cruzar fronteiras, afetando regiões como um inteiro, o poder de influência que o sucesso de um grupo pode ter sob o surgimento de outros grupos similares em outros locais, o poder dos meios de comunicação de publicar estes conflitos ao redor do mundo, entre outros.

A intervenção internacional em conflitos domésticos aumentou significativamente desde o fim da Guerra Fria. Fox e Sandler (2004) usam dados do MAR (*Minorities at Risk*) para explicar o quanto este tipo de intervenção pode ser agravado por pretextos religiosos, ou seja, não como uma causa dos conflitos em si, mas como elemento discursivo ou de legitimação de uma intervenção. Esta fonte de dados analisa uma base de grandes conflitos étnicos em que houve uma intervenção militar ou política<sup>4</sup> durante os anos de 1990-1995.

Aqui, são analisadas duas tabelas para responder duas perguntas principais: conflitos religiosos atraem intervenções mais frequentemente? Minorias étnicas de uma certa religião atraem conflitos mais frequentemente?

Quadro 1. Porcentagem de conflitos étnicos em que ocorreram intervenções, controlados por diferenças religiosas entre os grupos (FOX & SANDLER, 2004).

---

<sup>4</sup> Aqui, intervenções políticas são definidas como encorajamento ideológico, suporte não militar, acesso à mercados externos e meios de comunicação, o uso de unidades de paz, e instituições de bloqueio. Enquanto as intervenções militares são definidas como a doação de fundos para equipamentos militares, doações diretas de equipamentos, treinamento militar, apontamento de conselheiros militares, missões de resgate, incursões transfronteiriças, santuários transfronteiriços e unidades de combate (FOX & SANDLER, 2004).

**Table 4.1 Percentage of Ethic Conflicts in Which Intervention Occurred, Controlling for Religious Differences Between the Groups**

<i>Difference in religion between conflicting groups</i>	<i>No. of cases</i>	<i>Military (%)</i>	<i>Political* (%)</i>	<i>All* (%)</i>
Same religion	142	19.1	33.8	40.8
Different denominations	32	15.6	59.4	62.5
Different religions	101	18.8	61.4	64.4

*Note*

\* = Significance (Chi-Squared) of table including this column and column for "no intervention" <.001.

Quadro 2. Porcentagem de conflitos étnicos em que ocorreram intervenções, controlados pela religião dos grupos minoritários (FOX & SANDLER, 2004).

**Table 4.2 Percentage of Ethic Conflicts in Which Intervention Occurred, Controlling for Religion of Minority Group**

<i>Religion of minority group</i>	<i>No. of cases</i>	<i>Military** (%)</i>	<i>Political (%)</i>	<i>All* (%)</i>
Christian	139	15.2	41.7	44.6
Islam	74	33.8	56.8	64.9
Other	62	8.1	46.8	53.2

*Notes*

\* = Significance (Chi-Squared) of table including this column and column for "no intervention" <.05;

\*\* = Significance (Chi-Squared) of table including this column and column for "no intervention" <.001.

Observando os dados da Figura 3 para responder a primeira pergunta apresentada, os autores concluem que sim para intervenções política, mas não para intervenções militares. Minorias étnicas que se diferenciam em religião ou denominação do grupo majoritário no seu Estado atraem intervenções políticas internacionais quase duas vezes mais que minorias que são da mesma religião que o grupo majoritário do seu Estado (FOX & SANDLER, 2004).

Para responder a segunda pergunta, a Figura 4 mostra que sim, minorias islâmicas, por exemplo, atraem ambas as intervenções políticas e militares mais frequentemente que minorias Cristãs ou de outras religiões (FOX & SANDLER, 2004). Apesar de que, para o nosso caso em específico, os números referentes às minorias Cristãs também são relevantes, principalmente no caso de intervenções políticas.

Dessa forma, ao tratar do segundo motivo para a internacionalização de conflitos locais que escolhemos, os autores defendem que o processo de globalização também tem parte na

internacionalização desse conflito. Isso tange, em primeiro lugar, a habilidade dos meios de comunicação de publicar em massa esses tipos de conflito, tendo o exemplo notório do 11 de Setembro, o que faz com que a comunidade global tenha conhecimento desses eventos, até podendo levar à um efeito dominó: além de saberem dos eventos, os Estados, muitas vezes, se encontram em uma posição de terem que reagir a eles. Isto se dá pelo motivo de que, com um mundo globalizado, muitos países são economicamente interdependentes, e então, podem ser afetados pelos acontecimentos domésticos (inclusive conflitos religiosos) em países parceiros (FOX & SANDLER, 2004).

Por fim, o tópico da influência religiosa em conflitos étnicos pode ser fechado utilizando uma breve explicação de um artigo também produzido por Fox (2004), que trata de um estudo mais específico explorando o quanto a religião é um fator que pode causar ou não estes tipos de conflitos. Utilizando a mesma fonte de dados cima (MAR) e da SF (*State Failure*), mas com outro propósito e temporalidade, o autor traça seu raciocínio a partir da análise de dados de grupos de minorias étnicas que também eram politicamente ativos, para medir o seu potencial de tornarem nacionalistas religiosos, ativos em conflitos civis e guerras revolucionárias.

A partir dessa análise, Fox conclui que a religião pode ter uma influência importante nos conflitos, e que, no período estudado, essa influência aumentou de forma significativa. Porém, nota-se também que a religião pode ser mais entendida como um fator que agrava o nacionalismo e separatismo já presentes, e não atua sozinha nas configurações de um conflito étnico:

*It is important to note that there are several aspects of the results of this study that need to be qualified. First, while this study shows religion to be an important influence on conflict, it also shows that religion is not the only influence. In the analysis of the MAR data, religious factors do not come into play unless nationalism, in the form of separatism, is already present in the conflict. Thus, it is nationalism that is a primary cause of ethnic conflict, and religion acts as an exacerbating factor. However, religion is a very strong exacerbating factor, increasing the mean level of rebellion by about 67% in the 1995–2000 period. In the SF data, factors other than religion influence conflict to a similar extent (FOX, 2004, p. 728).*

Assim, como forma de síntese, nos últimos tópicos vimos como a religião pode ser entendida como um fator influenciador da política, como conflitos domésticos com esferas religiosas podem ser vistos como questões internacionais, e como conflitos étnicos podem ser agravados pela existência de divergências religiosas em um local. Porém, além disso, é também importante ter em mente outro fator muito discutido pelos autores que estudam a religião nas Relações Internacionais, que é o uso da religião na criação de uma identidade.

Assim, encontra-se a visão de Hanson (2006), que traz o conceito de “*diffused religion*” para tratar da influência do papel da religião na política local, que, por sua vez, traz consigo a possibilidade de tornar-se um paradigma até para a política:

Traditional religion has played a major role in local politics by constituting a civilization’s basic unit, thus setting the parameters and rules for political competition for material and psychic resources and determining legitimacy in the use of force for common ends. Such diffused religion remains dominant at the local level in much of the developing world. (HANSON, 2006, p.47).

Assim, com essa definição, Hanson quer dizer que a religião pode influenciar a política local até o ponto de se poder fazer a afirmação de que, “*The religion of the village is the life of the village*” (HANSON, 2006). Desta forma, criando comunidades onde a separação entre os aspectos religiosos e políticos destes locais é extremamente difícil de se fazer, tanto em áreas rurais, quanto em bairros urbanizados. Aqui, ele exemplifica esta afirmação por meio de alguns casos como a criação de “espaços islâmicos” no Oriente Médio pelos movimentos islâmicos para seus projetos sociais e educacionais:

Chinese, Israeli, Egyptian, and African examples show religious groups that create a local political-religious community that provides the primary identification for its members by enlisting them in a cause greater than themselves (HANSON, 2006, p.49).

Finalmente, uma maneira de se abordar o uso da religião como legitimidade está em um mapeamento feito por Fox e Sandler em 2005, que traz o debate de como a religião pode impactar a política mundial, apresentando as “cinco facetas da religião”: a primeira defende que a religião pode ser uma das bases para a formação de identidade, o que, por sua vez, também tem impacto no pensamento político, a segunda diz que a religião gira em torno de um sistema de crenças, o que também tem influência no comportamento, aqui, o terceiro aspecto, da doutrina religiosa e teologia, também se aplica para a influência no comportamento e para a garantia de um poder de justificativa. A quarta e quinta faceta também giram em torno desta busca por legitimidade, sendo que a quarta trataria explicitamente do uso da religião para se justificar uma política, e a quinta traz esta mesma ação por meio das instituições religiosas: “*Institutions can provide the logistical basis for mass mobilization*” (FOX & SANDLER, 2005).

Em conclusão, vemos aqui que, apesar de recente, o estudo da religião nas Relações Internacionais vem ganhando relevância para a compreensão da política local e mundial. Em todos os estudos apresentados essa tendência é exaltada, sendo colocada sob um lugar de importância para o entendimento da configuração internacional hoje, seja à nível de conflitos

internos, até à nível étnico-cultural de um país ou região. A separação entre religião e Estado, vista como ponto central de muitos estudos de RI, pode ofuscar o entendimento aprofundado da estrutura a estrutura social e política de muitos países. Além disso, quando pensamos no caso específico da Irlanda do Norte, vemos no capítulo anterior o quanto a configuração deste país é afetada pelo campo étnico-religioso desta sociedade, então fazendo com que as teorias aqui expostas ganhem ainda mais relevância para que possamos nos aprofundar nesse contexto.

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PERÍODO ‘THE TROUBLES’ (1969-1998)

O conflito interno irlandês, “*The Troubles*”, que se estendeu por quase três décadas, traz consigo diversas particularidades que devem ser levadas em consideração nas discussões sobre o papel da religião, e como este pode ser interpretado à luz das Relações Internacionais. Por isso, aqui se insere alguns pontos cruciais que deverão ser contextualizados para o aprofundamento do tema. Para este fim, nota-se a relevância de entender-se, mais especificamente, as raízes do conflito, seu desenrolar, e o seu processo de paz.

#### 3.1 As raízes do conflito

Existem inúmeras maneiras de tentar se traçar as causas de qualquer tipo de conflito interno dentro de um país. Dentre estas, destaca-se um modelo teórico desenvolvido por Paul Collier e Anke Hoeffler (2004) conhecido como “*Greed and Grievance*”<sup>5</sup>, onde é apontada uma maior probabilidade de ocorrência deste tipo de conflito em países que estão passando por graves períodos de instabilidade econômica - fator que, inclusive, é tido como uma frequente similaridade na grande maioria dos casos estudados pelos autores em suas pesquisas.

Desta maneira, já é possível apontar, então, uma diferença notável no caso irlandês, uma vez que o país se distingue, nesse aspecto, por ser um dos poucos casos de países significativamente desenvolvidos que passa por um longo período de conflito:

(...) the CH model would predict a low risk of civil war in Northern Ireland because the region had relatively high per capita income and a growing economy, high secondary school enrollment, not particularly unfavourable geography and demographics, no relevant primary commodities, and a long history without political violence. (WOODWELL, 2005, p.161).

Porém, para além desta distinção, também são colocados em pauta outros fatores de peso na análise destes tipos de conflito, como a esfera religiosa, que, neste caso, pode ser interpretada como uma das questões centrais que leva ao início da violência, e da guerra no país. Esta questão é, historicamente, um aspecto recorrente ao se tratar da Irlanda, por se ter

---

<sup>5</sup> Investigação sobre as possíveis causas da guerra civil, onde se utilizaram fontes de dados de 1960-1999, apontando que rebeliões podem ser explicadas pela agravação da desigualdade social, falta de direitos políticos, ou divisões étnicas e religiosas na sociedade (COLLIER & HOEFFLER, 2004).

uma série de eventos que levaram à uma marginalização política e econômica da população católica que fora, muitas vezes, justaposta à uma prosperidade da população protestante.

A comunidade protestante do país como a conhecemos hoje, vem de uma descendência dos colonos escoceses, que chegaram na região nos meados do século XVII, após a tomada de Ulster pelos ingleses. E, justamente neste início, já se desenha boa parte da estrutura da sociedade irlandesa, que carregou consigo estas marcas até os dias atuais.

Com o processo de colonização, a parte da população que se identificava como protestante, recebeu diversas condições políticas e econômicas preferenciais em comparação à população nativa católica - a terra foi distribuída de tal forma para os protestantes na medida em que, no começo do século XVIII, “católicos eram donos de apenas 14% das terras agrícolas disponíveis na Irlanda” (WOODWELL, 2005). Outro exemplo a ser citado foi o caso da Legislação Penal (*Penal Law*), que, neste mesmo período, deu direito aos primogênitos católicos a serem herdeiros de terras mediante à conversão ao Protestantismo.

Posteriormente, com a chegada da industrialização em Belfast, vê-se, também, as consequências destas medidas adotadas na formação do país, onde os trabalhadores católicos e protestantes começaram a competir por empregos. Época que, inclusive, marcou a segregação residencial entre estes dois grupos que continuam a caracterizar a cidade na atualidade (WOODWELL, 2005).

Com a criação da entidade política da Irlanda em 1920, através do “*Government of Ireland Act*”, surge logo uma série de mobilização sociais e políticas por parte da população protestante para também maximizar seu poder neste meio, resultando na criação de legislações que podem ser vistas como maneiras de manipular as eleições, e a esfera política em geral. Ali, foi definido que somente *ratepayers* (indivíduos que eram donos ou alugavam propriedades) tinham o direito ao voto, por exemplo.

A adoção destes tipos de legislação dentro do Parlamento prejudicou grande parte do grupo católico, que começaram a perder eleições até em distritos onde eram a maioria, o que fez com que houvesse eleições sem virtualmente alguma oposição, e, logo foram eficazes também para consolidar um favorecimento do grupo protestante em outros ramos importantes, como os poderes de justiça:

This control extended to the fields of justice and law and order. Judges and magistrates were almost all Protestants, many of them closely associated with the Unionist party. Between 1937 and 1968, for example, thirteen sitting Unionist MPs were appointed judges, moving effortlessly from making laws to administering them. (MCKITTRICK & MCVEA, 2002, p. 11).

Conclui-se, então, que a estratificação econômica, social e política presentes na época colonial se mantiveram mesmo sob um novo regime, levando à um cenário em que durante período de 1921 até o ano de início do conflito, havia uma taxa de desemprego entre os católicos praticamente duas vezes maior do que entre a população protestante (MCKITTRICK & MCVEA, 2002).

Vê-se, então, uma sociedade “ranqueada”, em que as diferenças entre grupos são reforçadas por suas classes sociais, e, indiretamente, pelo corte étnico-racial. Nesse contexto, mesmo passando por um período de estabilidade, as tensões vêm se aumentando até que, de acordo com uma analogia de Horowitz<sup>6</sup>, “*when the cement cracks... the edifice usually collapses*” (HOROWITZ, 2000).

### **3. 2 O início do conflito**

Como apontado anteriormente, apesar da Irlanda se encontrar, durante o período pré-conflito em uma situação econômica estável, as tensões internas entre os grupos se intensificaram cada vez mais. Neste caso específico, um fator agravante deste cenário é a particularidade na proporcionalidade da divisão da população entre uma maioria protestante e uma minoria católica, já que a minoria aqui considerada representava em torno de 30% da população total (1970) - uma porcentagem extremamente relevante em termos numéricos, que estava submetida à maiores índices de desigualdade. Os movimentos pelos direitos civis nos anos 1960 nos Estados Unidos começaram a dar pauta para a mobilização da população católica, e pode ser vista como uma fonte de “inspiração” que acabou por validar as insatisfações da minoria - John Hume, um dos principais líderes Nacionalistas irlandeses, manifestou outrora que “*the American civil rights movement gave birth to ours*” (DOOLEY, 1998).

Aqui, o então primeiro-ministro de Stormont, no norte irlandês, Terence O’Neill, começou a investir em estratégias políticas para tentar apaziguar a crescente pressão entre os grupos. Um exemplo que se tornou notório foi o convite para Sean Lemass, até então Taoiseach (primeiro-ministro) do sul irlandês, para um encontro - algo que não acontecia desde a separação da Irlanda em 1922.

---

<sup>6</sup> Donald L. Horowitz (1939 - ), acadêmico estadunidense, professor da Universidade de Duke.

Figura 1. Selo comemorativo de 50 anos do encontro entre O'Neill (esquerda) e Lemass (direita) lançado em 2015 pelo Correio irlandês.



Fonte: The Irish Times, 2015

Entretanto, tais gestos políticos não foram bem-vistos por ambas as partes irlandesas, e, mais adiante, com as crescentes taxas de desemprego entre a população católica. Em 1968, uma pesquisa de opinião relatava que “74% dos católicos concordavam em serem tratados de forma injusta em algumas partes da região, e 55% aprovavam a ideia de católicos “protestarem fortemente” contra a discriminação religiosa” (SMITH & CHAMBERS, 1991). Esta insatisfação com as ações políticas tomadas resultou na criação dos primeiros grupos militantes, como o NICRA (“*Northern Ireland Civil Rights Association*”), que tinham como objetivo acelerar a tomada de decisão para uma reforma política.

No mesmo ano, um dos principais eventos que pode ser considerado como estopim para o início do conflito foi uma marcha realizada pelo grupo católico em prol dos direitos civis em Derry/Londonderry. A forte repressão pela RUC (“*Royal Ulster Constabulary*” - polícia estatal norte irlandesa), em uma demonstração de força excessiva, fez com que surgisse coerção, tanto interna quanto externa, para uma tomada de decisão mais incisiva de O'Neill. Assim, após o acontecimento, o primeiro-ministro de Stormont promete realizar algumas das reformas demandadas pelo NICRA, como ajuda para habitação, reforma do sistema de votos, entre outros. Porém, a maioria das reformas é atendida parcialmente, tendo muitas concessões feitas para barganhar com os “*Unionists*” (frente protestante), alimentando a frustração da população católica (WOODWELL, 2005).

Logo, o número de pequenas revoltas e movimentos nas ruas continuam, e, com a pressão da população, como também dos “*Unionists*” dentro do próprio Parlamento, faz com que, depois de uma série de bombardeios em utilidades públicas, O’Neill se resigne em 1969:

*Rather than stabilising the situation, limited reforms, which had come about as a reaction to civil rights protests, only encouraged broader protest by civil rights leaders. At the same time, escalating protests and rioting fed Unionist fears that a mass uprising among Catholics was imminent; this led to counter protests and mob violence (WOODWELL, 2005, p.166).*

A partir deste momento, mais conflitos eclodiram, contando, inclusive, com a participação do IRA<sup>7</sup>, como a “*Battle of Bogside*”<sup>8</sup>, que foram importantes para definir o início de um longo período de instabilidade interna.

### **3.3 A longa duração do conflito e o seu processo de paz**

O conflito interno irlandês foi considerado um dos mais longos depois da Segunda Guerra, isso se dá por vários motivos, que podem ser compreendidos tanto na complexidade das batalhas em si, quanto no processo moroso para se chegar em um acordo que satisfizesse ambas as partes - os grupos não podiam se derrotar no campo de batalha, e não estavam dispostos a chegar em uma resolução.

Outro ponto a se destacar foi a maneira pela qual o conflito foi sustentado, com ênfase nas ações da IRA, que além de contar, principalmente nos anos 1970, com sólidos fomentos financeiros e materiais, também tinha uma base de recrutas bem definida, alegando representar, praticamente, um único grupo social - a classe trabalhadora católica. Além disso, a forma em que o conflito foi, de fato, lutado, também é um fator definitivo para sua duração. A Irlanda do Norte, virou, por esses anos, um local de “guerrilha urbana”, com as partes rurais sendo um local virtualmente não usado durante os *Troubles* (WOODWELL, 2005).

Ao se falar do processo de negociação de paz, se perduraram ali diversas dificuldades nas negociações, como reflexos do próprio nível de complexidade do conflito em si, que fizeram com que este se estendesse por vários anos. Boa parte deste desafio foi concentrado na quase impossibilidade de negociação entre os principais atores ali presentes. Aqui, o relacionamento entre o IRA e a Inglaterra pode ser utilizado como exemplo: enquanto a IRA

---

<sup>7</sup> *Irish Republican Army* (Exército Republicano Irlandês), que operou de 1969-2005, sendo um dos grupos militares mais violentos do período dos *Troubles*.

<sup>8</sup> Revolta que durou três dias em agosto de 1969 em Derry, na Irlanda do Norte.

tinha como objetivo original a retirada dos britânicos da Irlanda do Norte militarmente, a Inglaterra os via como uma organização criminosa, e se recusou a fazer qualquer tipo de gesto político até os anos 1990.

Assim, pode-se inferir a necessidade de uma cooperação entre os atores para a concretizar a paz, mais especificamente, entre Londres e Dublin, os quais poderiam ser considerados os atores de mais peso nesta decisão, já que concentravam os poderes políticos do país - era preciso que ambos compartilhassem da visão de que o conflito interno na Irlanda do Norte era um “problema em comum”. Isto só começou a se concretizar em 1985, na formulação do “*Anglo-Irish Accord*”, orquestrado pela então primeira-ministra Margaret Thatcher e pelo Taoiseach Garrett Fitzgerald. Thatcher via a República da Irlanda como um ator que compartilhava um fardo diplomático em relação ao Norte, e um parceiro em questões de segurança.

O acordo, que envolveu mais de trinta reuniões de negociação com a presença de atores de ambos os lados, garantiu a República da Irlanda novos papéis consultivos na governança da Irlanda do Norte, tendo como seu ponto central a criação da “*Intergovernmental Conference*”, onde governantes irlandeses poderiam expressar suas visões na questão do Norte. Além disso, talvez o ponto mais significativo do acordo, se centrou na decisão de que o status da Irlanda do Norte só poderia ser alterado por meio de um consenso entre as populações do Norte e do Sul. Apesar de ser considerado o primeiro grande avanço para o processo de paz, o acordo em si foi visto diferentemente pelos principais atores políticos da época:

The SDLP expressed pleasure at the new linkages with Ireland, while Sinn Fein expressed disdain that the consent principle was being applied to the North and decried the “copper-fastening of partition.” Representatives of the Unionist UUP and DUP were dismayed by the agreement because it was viewed as weakening London’s authority and providing a beachhead for Irish involvement in the North. (WOODWELL, 2005, p.176).

Assim, o período entre o estabelecimento do “*Anglo-Irish Accord*” até a “*Downing Street Declaration*” (declaração conjunta pela paz) em 1993, foi marcado pela formação de uma rede de canais diplomáticos entre os republicanos e nacionalistas do Norte, assim como séries de greves de fome (que garantiram vitórias importantes para partidos como a Sinn Féin<sup>9</sup>), os quais propulsionaram um contexto de importância do sucesso político, que fez com que o fim da violência virasse um dos pontos principais a serem negociados. Com a “*Downing Street*

---

<sup>9</sup> Partido republicano irlandês, fundado em 1905, que teve participação ativa nas negociações de paz e nos eventos do conflito.

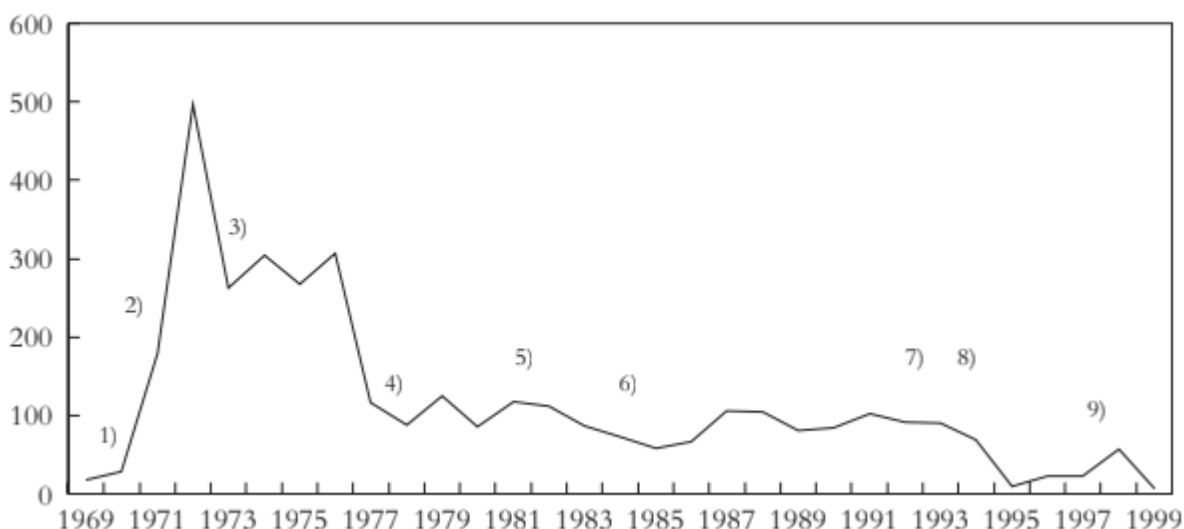
*Declaration*”, foi-se traçado um documento de princípios, que tinha como requisito para o cumprimento dos objetivos ali traçados a supressão dos grupos militantes radicais de ambos os lados.

Entretanto, a violência continuou na Irlanda do Norte até 1994, com pouca mudança em sua frequência e intensidade. Somente em agosto do mesmo ano, depois de uma série de negociações entre a IRA e a Sinn Féin, que houve uma declaração de cessar-fogo pelo IRA, que foi logo seguida por uma declaração do mesmo cunho dos “*Loyalists*”<sup>10</sup>, o que fez com que grande parte da agressão se encerrasse no país.

Em 1995, os governos irlandês e britânico se juntaram para publicar uma série de propostas de paz, que ficaram conhecidas como “*Framework Documents*”, que serviram de base para o acordo de 1998, responsável por um fim “oficial” do conflito, o “*Good Friday Agreement*”, aceito por ambas as partes da ilha por meio de uma votação.

Abaixo, como forma de síntese do que se foi apresentado, encontra-se um gráfico do número total de mortes por ano, desde o início do conflito em 1969, até um ano após o “*Good Friday Agreement*”, em 1999. Aqui, pode-se observar alguns dos principais eventos durante a guerra, e fazer-se uma correlação com o impacto que estes tiveram no conflito:

Figura 2. Gráfico ilustrando o número total de mortes causadas pelos Troubles de 1969-1999:



1. Formação provisória do IRA, Jan. 1970;
2. Introdução do Internment, Ago. de 1971;
3. Primeiro cessar-fogo do IRA, 1973;
4. IRA adota uma estratégia de “guerra longa”, 1977;

<sup>10</sup> Grupo protestante, que, assim como os “*Unionists*”, apoiavam a existência da Irlanda do Norte como parte do Reino Unido.

5. Greves de fome, 1981;
6. Anglo-Irish Accord, Nov. 1985;
7. Downing Street Declaration, Dez. 1993;
8. Segunda cessar-fogo do IRA, Ago. 1994;
9. Good Friday Agreement, Abr. 1998.

Fonte: MCKITTRICK, David; MCVEA, David. Making Sense of the Troubles: The story of the conflict in Northern Ireland. 2. ed. Chicago: New Amsterdam Books, 2002. 376 p. ISBN 1-56131-070-0.

Em suma, então, podemos concluir que os primeiros dez anos do conflito foram os mais violentos, com o número de mortes atingindo seu pico em 1972. Nestes anos, como explicado, o IRA teve seu momento de mais força durante o conflito, e medidas com o Internment, que visava a prisão de militantes radicais, mas que acabou por prender membros inocentes da população católica, também podem ser apontadas como fatores que intensificaram a violência.

A partir de 1976, temos o período mais longo do conflito, que é caracterizado por uma certa “estabilidade” no número de mortes, onde foram adotadas outras formas de protesto mais efetivas, como greves de fome, e o estilo de “guerrilha urbana” pelo qual o conflito foi lutado. Assim, desde a concretização dos primeiros acordos de paz, observa-se uma queda na violência, que marca o fim dos “*Troubles*”.

#### **4. O PAPEL DA RELIGIÃO NOS “TROUBLES”**

Observando os capítulos aqui expostos, podemos notar algumas características importantes do conflito, que geram debate até os dias atuais. Existem diversos fatores que podem ser analisados no caso norte-irlandês, mas talvez um dos mais perceptíveis seja precisamente o campo religioso.

Como vimos anteriormente, a dicotomia religiosa na Irlanda do Norte é uma questão que perpassou por praticamente todos os aspectos da vida no país, sendo responsável por grande parte da construção da identidade irlandesa. Assim, é natural que ao considerar o período de conflito aqui estudado, esta questão também ganhe notoriedade nas diversas maneiras de interpretação do ocorrido: justamente esta pervasividade da religião na Irlanda, no sentido de que a mesma se “expande” por diversos campos sociais, políticos e culturais, faz com que ela possa ganhar inúmeras interpretações diferentes.

Assim, podemos nos aprofundar neste debate ao trazer a literatura que aponta os possíveis papéis da religião no conflito, posteriormente a relacionando com os textos de RI e o contexto histórico apresentado.

##### **4.1 As diferentes interpretações do papel da religião nos “Troubles”**

Uma boa maneira de se iniciar a discussão sobre este papel é pelo texto de Gladys Ganiel e Paul Dixon (2005), que tem como começo a definição de três grandes más concepções que são feitas frequentemente na academia ao lidar com a dimensão religiosa do conflito. Em primeiro lugar, os autores defendem que, devido à operação dentro de estudos que levam consigo premissas definidas na teoria da modernização, formuladores de política subestimaram a extensão e importância desse campo. Em segundo lugar, há uma falha recorrente em reconhecer quando a DUP (*Democratic Unionist Party*) atuou de forma pragmática, vista, muitas vezes, apenas como um órgão “fundamentalista”. Em último lugar, há também uma falha em reconhecer que a religião impacta o conflito de maneira complexa, não explorando as oportunidades que a religião oferece para a transformação de conflitos, no sentido de poder se encaminhar sobre sua resolução (GANIEL & DIXON, 2015).

Assim, são justamente destas concepções que os autores iniciam a traçar uma lógica ao redor do papel da religião nos *Troubles*. Em relação ao primeiro ponto, os autores dividem esta visão através de duas frentes: a primeira traz os argumentos de McGarry e O’Leary (1995), que vêem a religião no conflito como apenas um marco identitário, associado a um componente

étnico: “*the terms Catholic and Protestant are considered badges of identity that simply distinguish nationalists<sup>11</sup> and unionists<sup>12</sup>*”. (MCGARRY & O’LEARY, 1995). Este argumento dava razão, principalmente, para as teorias etno-nacionalistas que viam o conflito como uma disputa sobre a identidade étnica e território. Uma forte crítica é feita por Ganiel e Dixon, que apontam que esta visão seria baseada em um conceito simplista de religião, que coloca muita ênfase em indicadores como

church attendance and defines religious conflict in narrow doctrinal terms. They also pay too little attention to how religion informs the substantive content of identities or contributes to the formation and maintenance of oppositional ideologies and social structures (GANIEL & DIXON, 2015, p.422).

A segunda visão trazida trata-se de teorias desenvolvidas que realmente colocam a religião como ponto central para a compreensão do conflito, como o autor Steve Bruce (1986), que traz o fundamentalismo protestante como um fator importante nesse contexto, no sentido de que este pode ser utilizado na definição de “identidades comunais”, o que, por sua vez, contribuiu para a longa durabilidade do conflito. Bruce se apoia da ideia de que este fundamentalismo protestante, na realidade, é um fruto do evangelismo protestante, que foi desenvolvido do evangelismo norte-americano no começo do século XX. A teologia calvinista carrega consigo o conceito de “*covenant*” (pacto), que na Irlanda do Norte é entendido como o ato de Deus entrar em “negociações” com a política da terra, sendo o papel da Igreja garantir que essas políticas estejam cumprindo sua parte do “pacto” (BRUCE, 1986).

Este argumento ganha mais força ao entendermos, também, o protestantismo por si só na Irlanda do Norte. Nesse contexto, é importante notar que o protestantismo fundamentalista abordado pelo autor acima, na realidade, pode ser visto como espectro. Em uma ponta tem-se fundamentalistas extremos que carregam consigo a crença de que “a Bíblia é infalível porque cada palavra é a Palavra de Deus”, condenando a Igreja Católica e o pensamento moderno. Na outra ponta, tem-se fundamentalistas liberais, que, pela própria definição de liberalismo neste contexto, compreendem que um indivíduo deve ter a liberdade de questionar e rejeitar doutrinas ortodoxas e dogmas se estes forem contrários à razão e à moralidade (GREER, 1990).

Na Irlanda, vemos que este último protestantismo se tornou o mais comum. Por meio de pesquisas sobre o protestantismo de Belfast, foi-se estudado que fiéis da classe trabalhadora

---

<sup>11</sup> Os *nationalists* (nacionalistas) eram compostos majoritariamente pela população católica, que votava para dois partidos principais durante o conflito: o *Social Democratic Labour Party* (SLDP) e a Sinn Fein, considerada a ala política do IRA.

<sup>12</sup> Os *unionists* (sindicalistas) eram compostos majoritariamente pela população protestante, que votava para o *Ulster Unionist Party* (UUP) e para o *Democratic Unionist Party* (DUP).

aderiam fortemente à uma ética sabática, e se identificavam mais facilmente com o fundamentalismo liberal. Outras características importantes encontradas foram as de que

Fundamentalists were involved in politics because of theological beliefs about their divine election and fear of their absorption in a Catholic state. Clearly “the fundamentalist stake in politics stems from theological anxieties”. The stereotypical images of the Ulster Fundamentalist (...) noted were “culturally isolationist, religiously anti-Catholic, and extremist” (GREER, 1990, p.141).

Outra teoria que se encaixa neste mesmo propósito é a de Claire Mitchell, que argumenta que a religião na Irlanda do Norte tem uma forte importância social e política, que são vindas de cinco dimensões correlacionadas: o relacionamento da Igreja com o poder político (relacionamento com os políticos nacionalistas e sindicalistas), o papel da religião como um marcador étnico dominante, o papel da religião na construção de comunidades conflitante, o relacionamento entre ideologias religiosas e a construção de barreiras, e o relacionamento entre teologia e política (MITCHELL, 2006). Este estudo é considerado especialmente importante por tratar diretamente da religião como um fator que abrange diversos polos da sociedade, e que, por consequência, também abrange diversos polos do conflito.

Tanto a visão trazida por Bruce, quanto a visão de Mitchell, podem ser vistas como maneiras de se tratar a segunda má concepção trazida por Ganiel e Dixon, referente a consideração do pragmatismo político dos protestantes fundamentalistas, já que ambas consideram o papel deste polo importante para a interpretação do período aqui estudado. Adentrando mais especificamente nesta questão, podemos apontar alguns exemplos práticos de como isto foi desenvolvido, especialmente dentro do DUP. A figura de Ian Paisley<sup>13</sup> é considerada primordial dentro deste debate, que encabeçou práticas do partido para aumentarem seu alcance dentro da comunidade protestante, o que foi de extrema relevância para que o partido tivesse uma força eleitoral abrangente, que incluísse toda a população - a decisão do próprio nome de “*Democratic Unionist*” ao em vez de “*Protestant Unionism*” pode ser levada como um exemplo de uma ação pragmática para este fim (GANIEL, 2006). Outro exemplo trata do uso de grupos de pressão para trazer visões da Igreja para a política:

fundamentalists within the party have begun to use pressure groups – rather than the party itself – to agitate on issues such as Sunday observance, and homosexuality and abortion legislation. (GANIEL, 2006, p.147).

---

<sup>13</sup> Ian Paisley (1926-2014) foi um político norte-irlandês que foi o líder e fundador do DUP durante o conflito (1975-2008), e principal líder religioso da via protestante da época, tendo assumido um papel de protagonismo na oposição dos movimentos de direitos civis da população católica nos anos 1960 e adiante.

Por último, e tratando da terceira má concepção trazida por Ganiel e Dixon no início do capítulo, tem-se as visões que tratam do papel da religião na transformação do conflito. Estes estudos, de forma geral, têm um foco na interpretação de como atores que são motivados pela religiosidade e/ou ideias religiosas tiveram impacto em diferentes contextos. Nesse sentido, a pesquisa de John Paul Lederach (2005, 1997) foi extremamente significativa para a compreensão deste fator. O autor coloca atores religiosos no centro das transformações, em vez de em suas periferias, então, para uma transformação de conflito ser efetiva, deve-se ter figuras de liderança no “*middle range*” (nível intermediário da sociedade) e nas “*grassroots*” (nível “base” da sociedade) (LEDERACH, 1997):

Religious leaders may be especially prominent at the middle range, mediating between the top level and grass roots and leading the drive for problem-solving workshops, conflict resolution training and peace commissions. Depending on the context, religious leaders have the moral authority to inspire peace activism, appealing to the people by using religiously and culturally sensitive discourses (GANIEL & DIXON, 2005, p.427).

Finalmente, no caso da Irlanda do Norte, a visão de Lederach pode ser utilizada para entendermos as contribuições das igrejas para a transformação do conflito, um fator que foi frequentemente subestimado por diversos autores. Neste âmbito, os estudos de Lederach inspiraram outros estudiosos a apontarem para a contribuição de diversos indivíduos do clérigo e de grupos de paz orientados pela fé na transformação do conflito e em seu processo de paz. Um exemplo são as pesquisas de John Brewer (2003)<sup>14</sup> que fornecem uma compreensão a fundo da tipologia de “*grass-roots religious peacemaking*” na Irlanda do Norte:

The typology includes six ‘active’ types: ecumenical activity (church-to-church activity, clergy-to-clergy groups, formal ecumenical organisations, ecumenical public events, and joint declarations of doctrine, belief, and commitment); mediation; cross-community activities; self-identified peace groups and initiatives; anti-sectarianism work; and dealing with the problems of post-violence. This provides a useful framework for understanding the array of activities and actors outlined above, helping us to see these seemingly discrete organisations and individuals as part of a more integrated, ecumenical network (BREWER, 2003, p.12 apud GANIEL & DIXON, p.428).

Assim, tendo em mente todos os argumentos expostos, podemos responder quase que diretamente às más concepções trazidas no início do subcapítulo. Em relação ao fato de que formuladores de política subestimaram a extensão da religião no conflito, vemos, por meio dos

---

<sup>14</sup> BREWER, John. ‘Northern Ireland: Peacemaking Among Protestants and Catholics’, em CEJKA, Mary Ann; BAMAT, Thomas eds, *Artisans of Peace: Grassroots Peacemaking Among Christian Communities*. Maryknoll, NY: Orbis (67–95), 2003.

argumentos de Bruce (1986) e Mitchell (2006), o impacto das próprias denominações, especialmente protestantes, na política como fator que pode até ser encontrado em suas próprias doutrinas. Já pensando no ponto da análise das ações pragmáticas do DUP, Ganiel (2006) aponta fortemente para a figura de Paisley, que serviu quase como uma personificação desta esfera religiosa influenciando a política norte-irlandesa. E, por fim, no sentido do papel da religião na transformação do conflito e de seu processo de paz, os últimos argumentos, trazidos por Lederach (1997) e Brewer (2003), no apontamento de grupos religiosos ou religiosamente motivados que contribuíram para o *peacemaking* no sentido de influenciarem a base popular da sociedade.

#### **4.2 Relacionando as interpretações do âmbito religioso nos “Troubles” com os estudos de religião das Relações Internacionais**

Tendo em vista inúmeros argumentos diferentes ao redor do papel da religião no conflito norte irlandês, podemos apontar mais especificamente para como cada uma dessas interpretações se relaciona com o que vimos anteriormente no âmbito das Relações Internacionais. Primeiramente, é possível definir que, as pesquisas apresentadas sobre o papel da religião na Irlanda do Norte demonstram, assim como as teorias de Relações Internacionais, como a religião pode ser entendida através de diversos aspectos, internacional, individual, entre outros.

Por exemplo, os estudos de Wuthnow, apresentados no último capítulo, apontam para a importância de se entender o impacto da esfera religiosa na política e na sociedade, afirmando que comunidades religiosas agora podem ser importantes patrocinadoras de movimentos de oposição, dando vazão à relevância para que *policy makers* sejam mais atentos aos interesses destas (WUTHNOW, 2016). Aqui, pode-se argumentar que esta lógica se aplica tanto para a população católica quanto para a população protestante durante o período de conflito na Irlanda, porém, com uma especificidade de que, neste contexto, muitas vezes os mais importantes *policy makers* também representavam uma instituição religiosa.

Um exemplo claro disto está na figura de Ian Paisley, líder do DUP, que além de ser líder religioso - e talvez justamente por isso - se tornou um dos mais importantes líderes políticos da ala protestante durante boa parte dos *Troubles*. Inclusive, utilizando do próprio ambiente religioso, como as Igrejas, para ganhar popularidade eleitoral (GANIEL, 2006).

Do lado católico, podemos apontar que foi dentro das próprias comunidades religiosas que foram se afluando ideais de oposição aos protestantes, que como maioria, eram também a

representatividade política de maior peso na época. E, já no contexto de como este conflito foi lutado, vemos as articulações do IRA para se utilizar destes locais (comunidades) para obter recursos, tanto no sentido de pessoas, quanto de apoio político e ideológico - o IRA não só teve sua origem dentro destas comunidades, mas também ganhava delas a maioria de sua força. (MCKITTRICK & MCVEA, 2002).

Relacionado a este ponto, também podemos compreender a complexidade do relacionamento entre religião e política no evento estudado através dos estudos de Hanson, que introduz a ideia de “*diffused religion*” para exemplificar como a religião pode ter um papel na política local de um país, dificultando o traço de uma separação clara destas duas esferas (HANSON, 2006). Nesse caso, podemos entender este argumento de duas formas (que são relacionadas entre si) na Irlanda do Norte: é possível interpretar esta ideia tanto por um sentido mais direto, como na consideração de ideais religiosos (como mencionando anteriormente sobre a estratégia do DUP) na formulação de políticas, quanto por uma maneira mais indireta, como na influência cultural da religião na configuração da sociedade irlandesa, que, por sua vez, acaba por influenciar a política do país.

Sendo assim, podemos explorar ambos os sentidos através de dois autores que contribuíram para uma possível definição do papel da religião no conflito. Para o primeiro sentido apresentado, podemos ver de maneira “mais literal”, a aplicação da religião na política por meio da própria teologia por trás dos ideais do protestantismo fundamentalista, que como apresentado por Bruce, carrega consigo o conceito de “*covenant*”, que diz que existe um pacto entre Deus e os homens para a elaboração de políticas na terra (BRUCE, 1986). Esta visão pode ser considerada relevante no conflito para entender que existe uma legitimidade religiosa em se incluir estes ideais na política, o que certamente foi presente nos *Troubles*, e pode até ter sido um motivador de Paisley, por exemplo.

Já considerando um sentido étnico-cultural, existe uma significância que pode ser explorada de forma mais ampla. Dentro desta esfera, podemos fazer uma relação que abrange praticamente toda a natureza do conflito, e que também conversa com a maioria das teorias de RI que foram expostas previamente. Primeiro, podemos considerar que nos anos do conflito, existia uma divisão da população clara entre dois polos religiosos, onde a maior parte dos cidadãos era protestante, e a minoria católica. Este fato, por sua vez, se desprende para verificarmos que além desta diferença numérica, havia uma forte diferença social e cultural interligada à cada uma dessas comunidades, que é desenhada desde a colonização da Irlanda (WOODWELL, 2005). E este fato se torna ainda mais interessante ao pensarmos em relação aos estudos de Fox que analisam a influência da religião em conflitos étnicos, concluindo que

a religião é um fator notável, especialmente em cenários onde há um nacionalismo, na forma de separatismo, já presente no conflito. O nacionalismo, então, seria uma causa do conflito étnico, enquanto a religião é um fator que o intensifica (FOX, 2004). Desta maneira, pensando nestes aspectos, é possível também trazer à tona que talvez possamos tratar o conflito como uma consequência direta das tensões entre os grupos ali presentes, por conta da grande desigualdade social ali inserida, que fora instituída desde a antiguidade por conta da diferença religiosa, o que criou uma espécie de efeito dominó para praticamente todos as outras estruturas do país. Podemos, inclusive, até inferir que há base suficiente para especular que o sentimento nacionalista e separatista ali presente foi causado pela frustração da desigualdade - porém lutado por meio da identificação dos grupos com uma vertente religiosa.

Por último, outro ponto a ser considerado é a internacionalização de conflitos religiosos locais, proposta por Fox e Sandler. De acordo com os autores existem várias maneiras em que conflitos religiosos domésticos podem ser afetados pelo sistema internacional e vice-versa. Dentre estas, temos o poder dos meios de comunicação na divulgação destes eventos globalmente, e o potencial destes conflitos afetarem outras regiões ao seu redor, além da probabilidade de atração de intervenções políticas que ocorrem em casos de conflitos onde há uma diferente denominação religiosa envolvida, que se encaixa no contexto da Irlanda do Norte (FOX & SANDLER, 2004).

Podemos aplicar estas formas de internacionalização à Irlanda ao pensarmos no processo de transformação do conflito, em especial em seu processo de paz. Como explicado durante o capítulo de contexto histórico, a negociação do processo de paz teve participação não só da República da Irlanda e da Irlanda do Norte, como também contou com o apoio do Reino Unido, que, aqui, pode ser usado como um exemplo de como este conflito doméstico afetou uma região como um todo (WOODWELL, 2005). Além disso, também é importante notar que o processo de paz por si só também contou com forte pressão da mídia, que teve grande influência durante o conflito como um todo, inclusive, sendo defendida por alguns autores como um contribuidores de acontecimentos como o cessar fogo do IRA em 1996 (VICENT, 1997).

De maneira geral, também é importante entendermos que, mesmo com estes fatores externos que contribuíram para a internacionalização do conflito, também temos que considerar o papel da religião doméstico na transformação do mesmo para que tenhamos uma visão completa deste caso - houveram grupos de *peace making* domésticos ligados à instituições religiosas, como é apontado por Brewer, que tiveram uma contribuição importante em termos de influência na base da sociedade irlandesa da época (BREWER, 2003).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho, o tema aqui abordado foi explorado através do desenvolvimento de três pontos principais: o estudo da religião nas Relações Internacionais, a apresentação do contexto histórico do conflito interno “*The Troubles*” (1968-1998) na Irlanda do Norte, e a verificação de estudos que debatem o papel da religião dentro deste conflito.

Sendo assim, pode-se observar que, durante o desenvolvimento do raciocínio aqui abordado, existem inúmeros acontecimentos que podem ser relacionados às pesquisas de religião, tanto nas RI, quanto na avaliação dela no contexto do conflito. Dessa forma, é extremamente importante avaliá-las cuidadosamente para chegarmos à um argumento consolidado sobre qual foi, de fato, o papel da religião nos *Troubles*.

Então, é possível partir da perspectiva do estudo da religião como uma esfera a ser introduzida aos debates de Relações Internacionais. Aqui, diversos autores defendem a ideia de que a religião é um campo imprescindível para a análise de vários acontecimentos sociais, culturais e políticos, pela ideia de que a religião certamente é uma influência de peso para a formação de identidades, o que, por sua vez, se expande para outros campos da sociedade, como a tomada de decisão e formulação de políticas. Dentro deste argumento, podemos, inclusive, adicionar que este mesmo poder de influência para a formulação de ideias, e construção de identidades (individuais, nacionais ou globais), é o que dá também o potencial de surgimento de conflitos, a partir do momento em que estas ideologias e/ou identificações são contrapostas com outras existentes.

Assim, podemos explicar a ideia acima através do conflito na Irlanda do Norte ao entender que, a diferença religiosa não foi especificamente um fator isolado que causou o conflito, mas, na realidade, as consequências desta diferença e como esta se reverberou para outros campos da sociedade, provavelmente, nos ajuda a ter mais clara uma posição desta dimensão no conflito, no seu desenrolar, e até os dias de hoje dentro do país e na região à sua volta.

Por exemplo, como apresentado nos capítulos iniciais, desde a formação do país, houve importantes diferenciações entre a população católica e protestante. A porção católica do país, que representava a minoria da população, quando comparada com a maioria protestante, sempre se encontrou em uma posição de grande dificuldade, devido às desigualdades econômicas,

sociais e culturais que esta comunidade passou desde a construção da Irlanda como uma nação – fator que chegou até a ser legitimado por meio de políticas que davam enormes vantagens para a população protestante, como vimos anteriormente no caso da Legislação Penal (*Penal Law*).

Dessa forma, podemos defender que, a partir de um primeiro momento, principalmente no período colonial, a diferença religiosa foi responsável por boa parte das justificativas da imposição de políticas e legislações que colocavam a sociedade católica em desvantagem. Porém, nos anos 1960, período em que o conflito foi se iniciado, não se tratava apenas do uso dessa diferença como uma justificativa para as tensões criadas, mas sim, muito mais sobre as consequências desta para outras esferas da vida moderna, como era o caso dos discrepantes índices de desemprego entre os dois grupos - certamente, estas consequências, que, no passado, surgiram por conta da religião, no período estudado, se transformaram em ações pragmáticas, mobilizações sociais e militares.

Tendo estas ideias em mente, podemos concluir que o papel da religião no conflito “*Troubles*” foi uma forma de mobilização e de unir as duas porções da população ao se enfrentarem em relação às diferenças da sociedade em que ambos estavam inseridos – não trazer o estudo da dimensão religiosa para o conflito, faz com que seja dificultoso entender as motivações da maioria, senão de todos, os atores envolvidos. Os partidos políticos, as forças militares e de guerrilha, e até os indivíduos presentes nesta temporalidade não podem ser compreendidos por inteiro se não trazermos o fator comum da religião, que, por fim, os conecta intrinsecamente dentro da formação de suas identidades, e, adiante, pelas suas crenças e ideias a serem defendidas. E, são justamente por esses motivos, e tantos outros apresentados durante o trabalho, que o pensar na religião como uma esfera legítima e importante para os estudos das Relações Internacionais é essencial: a religião forma sociedades, e levá-la em consideração certamente expande fortemente o quanto entendemos a posição de diversas delas no mundo como um todo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREWER, John. 'Northern Ireland: Peacemaking Among Protestants and Catholics', em CEJKA, Mary Ann; BAMAT, Thomas eds, *Artisans of Peace: Grassroots Peacemaking Among Christian Communities*. Maryknoll, NY: Orbis (67–95), 2003.

BRUCE, Steve. *God Save Ulster! The Religion and Politics of Paisleyism*. Oxford: Clarendon, 1986.

COLLIER, Paul; HOFFLER Anke. "Greed and Grievance in Civil War." Policy Research Working Paper 2355, World Bank, Washington, DC, 2001.

DEMERATH III, N.J. The Rise of "Cultural Religion" in European Christianity: Learning from Poland, Northern Ireland, and Sweden. *Social Compass*, p. 127-139, 2000.

DOOLEY, Brian. *Black and Green: The Fight for Civil Rights in Northern Ireland and Black America*. London: Pluto Press, 1998.

FOX, Jonathan. The rise of religion and the fall of the civilization paradigm as explanations for intra-state conflict. *Cambridge Review of International Affairs*, p. 362-380, 2007.

FOX, Jonathan. The rise of religious nationalism and conflict: Ethnic conflict and revolutionary wars, 1945–2001. *Journal of Peace Research* 41 (6): 715-731. Is Ethnoreligious Conflict a Contagious Disease? *Studies in Conflict and Terrorism*, 27 (2), p. 89-106, 2004.

FOX, Jonathan; SANDER, Shmuel. The question of religion and World Politics. *Terrorism and Political Violence*, p. 293-303, 2005

FOX, Jonathan; SANDLER, Schmucl. *Bringing Religion into International Relations*. 1. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2004. 209 p. v. 1. ISBN 1–4039–6551–X.

GANIEL, Gladys. 'Ulster Says Maybe: The Restructuring of Evangelical Politics in Northern Ireland', *Irish Political Studies* 21(2): 137–155, 2006.

GANIEL, Gladys; DIXON, Paul. Religion, Pragmatic Fundamentalism, and the Transformation of the Northern Ireland Conflicts. *Journal of Peace Research*, p. 419-433, 2008.

GREER, John. Protestantism in Northern Ireland. *Études irlandaises*, [S. l.], p. 137-148, 1990.

HANSON, Eric O. Religion and Politics in the International System Today. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 359 p. ISBN 978-0-521-61781-9.

HICKEY, John. The role of the Churches in the conflict in Northern Ireland. *Studies: An Irish Quarterly Review*, [S. l.], p. 402-410, 1985.

HOROWITZ, Donald. *Ethnic Groups in Conflict*. Berkeley: University of California Press, 2000.

LEDERACH, John Paul. *Building Peace: Sustainable Reconciliation in Divided Societies*. Washington, DC: United States Institute of Peace Press, 1997.

MCGARRY John; O'LEARY Brendan. *Explaining Northern Ireland*. Oxford: Blackwell, 1995.

MCKITTRICK, David; MCVEA, David. *Making Sense of the Troubles: The story of the conflict in Northern Ireland*. 2. ed. Chicago: New Amsterdam Books, 2002. 376 p. ISBN 1-56131-070-0.

MITCHELL, Claire. *Religion, Identity and Politics in Northern Ireland: Boundaries of Belonging and Belief*. Aldershot: Ashgate, 2006.

MORGENTHAU, Hans. *Politics Among Nations*, New York: Alfred Knopf, 1956.

SANDAL, Nukhet. *Religious Leaders and Conflict Transformation: Northern Ireland and Beyond*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. 195 p. v. 1. ISBN 978-1-107-16171-9.

SMITH, Anthony D. "Ethnic Election and National Destiny: Some Religious Origins of Nationalist Ideals" *Nations and Nationalism*., p. 331–355, 1999.

SMITH, David; CHAMBERS, Gerald. *Inequality in Northern Ireland*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

THE IRISH TIMES (Irlanda do Norte). Stamp commemorating Lemass and O'Neill meeting released. [S. l.], 22 jan. 2015. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/news/ireland/irish-news/stamp-commemorating-lemass-and-o-neill-meeting-released-1.2075753>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WALLENFELDT, Jeff. "The Troubles". *Encyclopedia Britannica*, 21 Ago. 2020, <https://www.britannica.com/event/The-Troubles-Northern-Ireland-history>. Acesso em: 6 de junho de 2022.

WOODWELL, Douglas. *Understanding Civil War*. In: THE WORLD BANK (Estados Unidos). *Understanding Civil War*. Washington, Estados Unidos: Paul Collier & Nicholas Sambanis, 2005. Cap. 6: The "Troubles" of Northern Ireland: Civil Conflict in an Economically Well-Developed State, p. 161-182. ISBN 0-8213-6049-3.

WUTHNOW, Robert. *Understanding religion and politics*. Daedalus, [S. l.], p. 1-20, 1991.